

Há aqui uma terra devastada

Alexandre Sá¹

1 Alexandre Sá vive em Niterói, no Rio de Janeiro. É Artista, pesquisador, curador e crítico de arte. Pós-doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ sob supervisão de Rafael Haddock Lobo. Pós-doutor em Estudos Contemporâneos das Artes pela Universidade Federal Fluminense sob supervisão de Tania Rivera (2011), e mestre (2006) em Artes Visuais pela Escola de Belas-Artes da UFRJ, tendo sido orientado por Glória Ferreira. Licenciando em Educação Artística (habilitação em História da Arte) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2002). É atual diretor e professor do Instituto de Artes da UERJ e professor do Programa de Pós-graduação em Artes (PPGARTES) na mesma instituição. É um profissional híbrido que trabalha com diversas linguagens (performances, instalações, desenhos, pinturas, vídeos e escritos) e a particularidade de sua pesquisa plástico-teórica são as relações entre o texto, a imagem, a poesia, o corpo e a psicanálise. Atualmente é editor-chefe da revista Concinnitas do Instituto de Artes. Também faz parte da Comissão de credenciamento do portal de publicações da UERJ como professor titular. É coordenador do Grupo de Pesquisa “A arte contemporânea e o estúdio do espelho”, certificado pelo CNPQ. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7846-5145>. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/0137944963846547>. Niterói, Brasil.



antropo
logicamente

alguns burocratas se dirigem ao local atravessados
por curiosidade e desejo de poder

in
felizmente
não respeitam nem mesmo as sombras dos cadáveres que ali se anunciam

a curiosidade é tanta que empurram-se incessantemente para tentar des-
vendar o que estava sendo des-coberto ali

o
s
o
m
e
r
a
i
n
s
u
p
o
r
t
á
v
e
l

d
a

m
e
s
m
a

f
o
r
m
a
q
u
e
o
c
h
e
i
r
o
d
e
c
a
r
n
e
a
p
r
o
d
e
c
i
d
a

e nada os afasta

seus cadernos pequenas lupas luvas binóculos tablets máquinas fotográfi-
cas enciclopédias

tentavam

encontrar algo que se mexesse

algo de

sobrevida que fosse densa o suficiente para

ex
trutar

o pensamento e provocar alguma teoria

algum artigo

algum projeto de financiamento

alguma vida em suas vidas vazias

n
at
ure
za.m
orta

pintura de caos em folhas de jornal

na mais absoluta norma//lidade

no fundo do fosso do poço da página só se via uma massa amorfa

a fundura era tanta que nada os possibilitaria a descida



ÈSÙ òta Òrìsà. Osètùrá ni oruko bàbá mò ó. Alágogo ìjà ìyá npè é. ÈSÙ ÒDÀRÀ, òmòkùnrin ìdólófin. O lé sónsó si orí èsè elésè. Kò jè, kò jé kí ènje gbé mi. A kii lówó láì mu ti Èsù kúrò. A kii lóyò láì mú ti ÈSÙ kùró. Axòntún se òsì láì ní ítijú.ÈSÙ àpáta sòmò òlòmo lènu. O fi okuta dipò iyò. Lòògèmò òrun, a nla kálù. Pàápa-wàrá, a túká máse sà. ÈSÙ máse mi, òmò èlòmíràn ni ose.

como de sobressalto

algo ali de movente se moveu sem que se movesse

houve um vento

apenas isso se sentiu

arrepio

pelos em pé

riscafaíscafagulhadegargalhada

átimo de segundo

reviravolta de imagem

ritornelo ∞

os ex-tetas da burocracia se aperceberam na fundura da cova do furo da
página

ali
naquele poço sem água
agrupados

olharam para o alto com seus olhos como sempre sem esperanças



a
massa
que outrora
se dissimulava
morta agora os olhava
de soslaio e de cima como
se se observa uma caça
não tinham pressa alguma
apenas sorviam
o tempo
de

estar adiante

era apenas um

vivos
e vitoriosos
pois aquela morte
a.pesar de real

apenas de real

disfarce bem feito
para enganar os
ingênuos infortúnios
diante da finitude
do mundo

a massa amorfa se coloca na beirada da beira

sem materialidade específica

sem fisicalidade possível

como se em redemoinho

shhhh
shhhhhhhh
shhhhhhhhhhh
shhhhhhhhhhhhh
shhhhhhhhhh
shhhhhhhh

vagar...os...a...mente.....

pegam as pás das terras das lavras das palavras que estavam na lombada

e preenchem com todo o cuidado possível o vão que se anunciara e de
onde vieram

passam dias

passam noites

passam dias

passam noites

passam dias

passam noites

até que em um instante determinado o buraco de dentro de si do solo da
letra foi preenchido

aos enterrados sobrou apenas um desespero natural daqueles que não
têm escolha

e agoniados, acharam que só o grito coletivo seria capaz de salvá-los de
suas fatalidades

diz-se que até hoje

quem passa por aquela região no meio do nada.br

escuta ainda algumas vozes assombradas que repetem incansavelmente

não matarás

autorretrato
autor retrato
auto r retrato
auto rrrr retrato



“Ou a curra: ao paternalismo, à inibição, à culpa.”
Hélio Oiticica

∞

“Eu preferiria não”
Herman Melville

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons

